

MARÍLIA CARREIRO

L
A
M
A



MARÍLIA CARREIRO

Lama

CONTOS



Editora
Pedregulho

Copyright © 2019, Marília Carreiro

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Bibliotecária responsável: Bruna Heller – CRB 10/2348)

C314l Carreiro, Marília.

Lama [recurso eletrônico] / Marília Carreiro. – Vitória, ES:
Pedregulho, 2019.
Dados eletrônicos (1 arquivo : 3,35mb).

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: www.editorapedregulho.com.br ;

www.smashwords.com

ISBN 978-85-67678-45-0

1. Literatura brasileira. 2. Contos. 3. Escritores
brasileiros. I. Título.

CDU 869.0(81)-34

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura em português 869.0; 2. Brasil (81); 3. Gênero literário: contos -34

*Chega um momento da vida em que, entre todas as pessoas que conhecemos,
os mortos são mais numerosos que os vivos.
E a mente se recusa a aceitar outras fisionomias, outras expressões:
em todas as faces novas que encontra, imprime os velhos desenhos,
para cada uma descobre a máscara que melhor se adapta.*

ÍTALO CALVINO, *As cidades invisíveis*

Sumário

Prefácio

Fofoca

Lama

Biotipo

A metamorfose de Kassim

Jaime

Vísceras

Amparo das descontentas

Concerto

Nasal

Presságio

Resquícius da aurora

Contato

Tombo

Conceição

Porco

Rua Nove

Anjo

Ciência

Monstro

Família

Prefácio

por Sarah Vervloet Soares

ESTOU COM O ESTÔMAGO EMBRULHADO, MAS TERMINEI O TEXTO. Foi o que disse para Marília quando quis avisar que este prefácio havia ficado pronto. Um cadáver no mar ou no chão, facas que me cortam, sangue frio e quente, este livro é vivo: exige a pausa, fugir e voltar, porque encosta na minha pele atravessando a carne, jorra miolos, entranhas, segredos, traumas, prisões. Ao ler Lama, podem surgir náuseas de um tempo impensado, com a morte pairando até mesmo quando não é sequer mencionada. Acaso a morte precisa estar para existir?

Marília gosta de se embrenhar nas fronteiras do incalculado, das partidas, das friezas. Isso porque o tom insólito e absurdo que investe nestas narrativas convida a questionamentos de várias ordens, como é o das relações humanas e seus limites com o outro e consigo mesmo. Tem um corpo que aparece – e esse corpo pode ser o ímpeto da escrita presente no projeto literário aqui em construção. O terceiro livro de Marília parece dar seguimento à experimentação com a linguagem em contraste com a vida, ou melhor, a morte. Há, nestas narrativas, a essencialidade do inesperado, uma vez que a naturalidade diante de comportamentos incomuns é a principal arma.

Existe, ainda, um terror por trás destas histórias. Mas não é uma situação pavorosa porque as sombras e névoas escondem os mistérios da morte. Não. Traço das narrativas contemporâneas, o banal se costura entre uma atitude, uma frase, um sentimento. A emoção aterrorizada é o que pode saltar da complexidade do real, ou seja, o leitor pode esperar: é possível haver pânico, nojo, indiferença, raiva, medo, estranhamento e tudo o que o imaginário social e cultural podem conduzir.

Lama é terra com água, sedimento e matéria orgânica. Lama é lodo, excesso terroso ensopado de degradação – humana. Os personagens deste livro são tão humanos que estão deformados, ou não são mais ninguém, nem nunca foram. Um lamaçal os rodeia, com excesso de realidade, rotinas desgraçadas, crueldades, injustiças ou apenas a pausa brusca como a morte súbita do texto. Este livro é uma reação ao funcionamento brutal dos dias, das vidas, das relações, dos corpos, das letras, dos mundos.

Colocar o corpo na escrita, como faz Marília, é dizer muito sobre o lugar que se quer ocupar no mundo. Quando nos obriga a colocar o corpo junto, na leitura, a autora parece querer dizer também que ninguém está isento, nada é gratuito. Que tipo de literatura é possível hoje, senão esta que reclama nosso peso, a participação intrínseca da nossa história e das marcas cravadas e rabiscadas?

E porque é uma mulher que escreve, o corpo que se inscreve nestas páginas é múltiplo, é vivo, é verso, prosa e paixão. É pulsão – dor, amor, grito, ódio, renascer. Não se nasce escritora, torna-se livro-livre: “O mundo não dizia a ela, como dizia a eles: ‘Escreva se quiser, não faz diferença para mim’. O mundo dizia, gargalhando: ‘Escrever? O que há de bom na sua escrita?’”, vai dizer Virginia Woolf, em *Um teto todo seu* (1929). Este livro é, uma vez mais, a liberdade de ser.

Em dedicatória pessoal de *AmorS e outros contos* (2013), seu segundo livro, Marília me agradece pela “força para que os livros continuem”, e não há dúvidas de que eles continuam, mas a força da palavra de Marília está na sua potência de ser mulher. No que depender de mim, serei mulher junto, leitora presente nessa trajetória, mulher que escreve e mulher que somos, mulheres-livros e livros que, sim, continuam.

Fofoca

ESTE LUGAR AQUI JÁ SERVIU DE DESOVA. É interessante pensar nisso porque é um parque dentro da cidade. Descobriram os corpos de uma forma muito simples. Um cachorro de rua entrou aqui e ganhou comida de uma pessoa que estava andando por aí. O cachorro comeu um pouco e foi enterrar o resto da comida. Fez um buraco na terra. Se empolgou. A pessoa que deu a comida não entendeu o cachorro cavoucando a terra enlouquecidamente e chegou perto pra ver. Era a ponta de um osso que já estava pro lado de fora. Raso, coisa de um palmo de terra. O cara achou engraçado. Do osso veio outro osso. E outro. E aí foi ficando estranho. O cara falou com o guardinha. O guardinha me interfonou. Fui lá, constatei o ocorrido, chamei a polícia. A polícia chegou, olhou e mandou fechar temporariamente o parque para investigações.

Acharam mais osso e osso e o corpo todo e duas cabeças. Corpo humano geralmente não tem duas cabeças, né. Era sinal de que tinha mais osso. Eu tive que ficar trabalhando, mesmo com o parque fechado. A polícia precisa de testemunhas. E eu, de dinheiro.

Meu trabalho é diurno. Eu só falo sobre o que acontece das oito às dezoito. É muito fácil entrar no parque. Ele é enorme. Mas isso eu não disse. Disse que pela manhã vem muitas crianças. É normal adolescentes que deveriam estar em aula gazeteando no parque à tarde. A internet é livre em todo o lugar e as pessoas não olham muito além dos centímetros que tem a distância dos seus olhos pras telas dos seus telefones. No máximo tiram uma foto da natureza ou uma selfie na natureza. E publicam. Jogo da velha, joinha e tal e se esquecem de observar o que há em volta.

As câmeras de segurança não asseguram nada. Nenhuma funciona. A patrulha só patrulha em horários marcados, talvez agora resolvam esticar

esses horários, mas duvido muito. Eu sei que não funciona porque sou a responsável pelo monitoramento. Já até mandei protocolar lá na prefeitura um pedido de revisão dessa tralha. Mas ninguém nunca vem. Eu sei porque sou eu quem assino a papelada. Quem fez isso conhece a área e sabe muito bem da logística.

Gosto muito daqui. É lindo. Dá uma paz danada pro espírito. Existe uma área do lado direito do parque que é bem reservada. Minha torre de comando fica nela. Dela, consigo ver o outro lado do parque, pouco movimentado também. Tem uma pedra engraçada. Dizem que tem formato de pera, só que com o lado mais fino pra baixo. Parece que vai rolar de lá a qualquer momento. O parque bomba mesmo é no meio, onde tem parquinho, lojinha e área de meditação. Dia de domingo isso aqui vira um inferno.

Lama

A MENINA BOIAVA CONFORTÁVEL NAQUELA ÁGUA BARRENTE E FEDIDA. Eu estava do lado de fora da cerca e só tive certeza de que ela respirava ao olhar fixamente para seu abdome. Fui lá porque sou agente de saúde. Cuido dos problemas das casas, dos moradores, encaminho a população para tratamentos. Meu trabalho é bacana.

A criança se mexeu e me viu. Ela sabe quem eu sou porque sempre vou lá. É uma área acima da cidade, tem que subir uma rampa muito íngreme e sem calçamento. Lá no alto é preciso virar à direita para continuar numa estradinha, pra depois curvar à esquerda e subir mais. É longe um pouco da civilização e os costumes dos moradores são diferentes se comparados aos do Centro. É tudo margem. E mais confortável.

Ela sorriu e saiu da lama. A mãe dela, lá de dentro da casa, me gritou. O legal da margem é que todo mundo sabe o nome de quem vem e vai. Eu acenei para a mãe. A menina veio correndo abrir o portãozinho de madeira com mais ou menos um metro de altura por um metro de largura, fincado no chão de terra meio batida meio fofa. Uma cerca de arame liso delimitava o território. Observei que ela vinha, mas não chegava nunca, pois corria, corria e afundava na terra, que era lama. Aí ela se esquecia e começava a boiar. A menina parecia sempre querer chegar à porta, mas não conseguia. Todas as vezes que eu fui lá ela não se aproximou de mim, apesar de interagir. Sempre feliz, brincava com a lama, boiava na lama e saía correndo para falar comigo.

A mãe da menina dizia que ela era ótima e nunca tinha dado trabalho, ficado doente ou feito alguma coisa ruim. Só uma vez, mas coisa pouca. Ela entendeu que não podia fazer mais e não fez. Eu olhava pela janela e a mocinha estava lá, no mesmo lugar, brincando. Eu perguntava para a mãe

como estavam as vacinas. Está tudo bem, moça. Tudo em dia. Perguntava sobre a alimentação. Tudo bem também, a gente come o que a vizinhança produz. Aqui tem de tudo, não precisamos nem descer pra rua. Faz é muito tempo que não sei o que é ir lá embaixo, não preciso. Então tá, vou embora. Eu voltava sempre trinta dias depois.

Passou o mês e sol do meio-dia queimava a cidade dos ninguém. Eu subindo aquela ladeira sem fim, sentindo tostar até a parte do corpo guardada nas roupas, fazendo o caminho a pé pois não passava carro da prefeitura na rua estreita. O trajeto demorou quase o dobro do tempo. Cheguei no alto do morro, na frente do portão de um por um.

Procurei a menina brincando no quintal, boiando na poça de lama. Ela não estava. A casa, com janelas abertas, vazia. Precisei chamar. Bati palmas e, enquanto aguardava, comecei a observar o chão mais seco do que antes. De um lado, um mato crescendo a esmo, sem poda, sem nada. Do outro, o quintal contrastando com um verde tão verde que parecia ser outro lugar. O vento balançava as árvores do lado de lá, providenciando frescor. Bati mais palmas e uma mulher apareceu do outro lado da rua, numa casinha nova. Me perguntou se eu não sabia. Eu não sabia. A dona morreu. Mas eu passei aqui mês passado e estava tudo certo. A gente não manda no tempo, né moça. Verdade. Pois é. Fiquei triste, eu gostava da dona. Ela parecia bem de saúde. Foi infarto fulminante, moça.

Biotipo

AUGUSTA ESCOLHEU SEU NOME POR CAUSA DA RUA, famosa por seus bares e sua vida noturna e o que as duas tinham mais em comum: a extravagância. Conseguiu se fixar em um bairro da Zona Oeste da capital. Investiu todas as suas economias na compra de um açougue e conseguiu, junto com a freguesia, uma quantidade razoável de amigos. Júlio era o mais chegado, com quem Augusta dividia todos os segredos.

Augusta ficava quase o tempo todo no açougue. Não pegava em facas, dizia ter horror e, por isso, só gerenciava de perto tudo o que acontecia. Nas folgas, gostava de passar seu tempo ligando para nomes dos classificados dos jornais, bebendo uísque e ingerindo anfetamina. Trabalhava muito e era perfeccionista: quando queria algo, tinha que ser exatamente como prescrito.

Petrônio era um garoto normal, quase imperceptível, não fosse a sua personalidade marcante e a sua ousadia em querer estar presente e opinar sobre todos os assuntos a sua volta. Ele se considerava insuperável. Ninguém da repartição era mais inteligente que ele. Suas opiniões eram certas. Sabia sempre de tudo.

Não há o que fazer. O Petrô nem se mexe mais.

Júlio não entendeu o porquê de Augusta ter matado Petrônio, mas também não quis saber. Só tinha sido chamado para ajudar a tomar providências a respeito do corpo e, como um bom e fiel amigo, foi.

Porra, Augusta! O que a gente vai fazer? O cara é pequeno mas é um corpo. Corpo é difícil de esconder.

Faço a mínima ideia.

Olha, não quero que essa coisa venha pro meu lado depois não, hein. Se acontecer algo, põe a culpa no padeiro ou sei lá em quem. Eu não quero saber dessa merda puxando meu pé e nem me levando pra cadeia não.

Fica tranquilo, não vai acontecer nada. Nosso relacionamento era segredo.

E aí, Augusta? O que vamos fazer pra acabar com essa merda logo?

Então, pensei em utilizar o cutelo.

E você sabe?

Claro que sei. Depois pego a carne boa para moer. Os miúdos coloco num saco plástico e você leva para algum lugar que tenha cachorro. Pode ser, inclusive, na casa do padeiro. Mas vai lá sem ele perceber. De madrugada ele nunca está lá. Às vezes, está até aqui. Ligo pra ele e, quando ele vier, você vai. Os ossos, podemos jogar os pedaços no cimento e você termina de construir aquela parede do açougue, porque, qualquer coisa, você diz que eu paguei pra você vir aqui me ajudar a bater a laje e a subir essa parede. A gente comprova o serviço com um recibo etc.

Porra, Augusta. Eu tô é fodido com essa história de esconder corpo. E se alguém descobrir? Tô fodido.

Vai por mim, não vai acontecer nada.

Os dois esconderam Petrônio na parede do açougue de Augusta, que vendeu o moço anunciando uma promoção de carne moída de ótima qualidade. A cada osso instalado na parede, Augusta dizia alguma coisa, como um ritual para os pedaços se encontrarem e irem juntos para alguma luz.

Certo dia, tomando uma cerveja com Júlio na padaria, Augusta ouviu numa das edições de um jornal local que um homem havia desaparecido e que a polícia estava com dificuldade de encontrar qualquer imagem para se chegar no suposto sequestrador.

Augusta, o negócio é o seguinte: aquele dia lá você estava toda com saudade do cara, se queixando e tal. Mas você não toca mais no assunto e não fala mais nada sobre ele.

Claro que não falo, eu nem o conhecia.

Como assim? Vocês não tinham um relacionamento?

Eu não.

Porra, como não? Você tinha me dito que era confidencial.

Não era. Eu precisava que você acreditasse mesmo e me ajudasse com aquilo. Eu não sabia o que fazer com aquele rapaz.

Mas de onde ele veio? O que ele estava fazendo na sua casa?

Então, eu achei o nome dele num jornal. Lá dizia que era alto e musculoso e eu liguei para saber. No telefone, ele riu. Disse que era piada dos amigos do trabalho, mas me cantou. Eu achei a voz dele bonita e falei com ele pra ir lá pra casa. Ele chegou lá em casa e eu não gostei muito do que vi. Mas sou uma pessoa receptiva, né. Ofereci um vinho e começamos a conversar. Ele falava demais, sabia demais e eu, naquela noite, só queria um homem alto e musculoso. E quieto.

Podia ter deixado ele ir embora então.

É, podia.

A metamorfose de Kassim

PARA MUITOS, KASSIM ERA CÁSSIO. Seu nome foi dado por seu pai, inspirado por um programa de futebol que falava sobre zagueiros. Queria que seu filho fosse um famoso atleta, mas ele nunca teve o privilégio de ver isso acontecer. Nem ele, nem ninguém. Kassim virou chefe de um departamento de uma empresa de médio porte. Era administrador e chegou ao posto sem nenhum esforço.

O que mais lhe atraía no local de trabalho era o perfume das coisas. E, como a empresa tinha uma quantidade razoável de funcionários com diversas funções, podia sentir do cheiro mais doce ao mais pútrido. Sua capacidade de adaptação aos odores era invejável. Tinha prazer em cheirar coisas. Parecia sentir as moléculas de cheiro sendo quebradas no ar, entrando por suas fossas nasais, viajando em direção à cavidade nasal, dissolvendo-se no muco.

Achava interessante a forma como seu nariz sentia os piores cheiros e logo depois já não se importava mais, mesmo com tudo ainda ali, fedendo do mesmo jeito. Gostava mais do seu olfato do que de sua visão, pelo simples fato de seus olhos enxergarem muitas cores ao mesmo tempo e seu nariz poder sentir somente um odor de cada vez – mesmo sendo ele uma combinação de vários.

Seus dias eram resumidos a cheirar coisas. Tudo para ele era o cheiro que tinha. Mastigava com a boca aberta para sentir o paladar e o cheiro ao mesmo tempo, sempre pensando depois de engolir que seu olfato não precisava de contato com o objeto e o seu desprezível dependente paladar sim.

A sua casa não tinha cheiro. Enquanto estava fora dela, era feliz. Andava por ruas com valas abertas e queria, nessas horas, ter um nariz três vezes maior do que o seu. Decidiu, por causa disso, chegar em casa e dizer para

o cônjuge que não gostava mais dele, mesmo gostando da sua presença no mesmo ambiente. Entre um e outro, o que mandava era seu nariz.

Depois do ocorrido, passou a cuidar das coisas à sua maneira. Começou a deixar de lado o trabalho, não atendeu mais ligações, esperou a bateria do celular descarregar e não o ligou mais. Passou a sair de casa pontualmente às 7h35, horário no qual, para ele, fulminavam odores porque o sol surgia com intensidade, queimando a água e fazendo subir vapores. O exercício do nariz era feito discretamente, porque sabia que as pessoas o julgariam se soubessem do real motivo da sua caminhada.

Manteve essa rotina até o dia em que decidiu não tomar mais banho. O cheiro do seu corpo estava ótimo. Foi ao banheiro e decidiu também não dar mais descarga. Começou a perceber que a medida que o cheiro ficava mais forte, o seu corpo também se fortalecia. Descobriu que podia se nutrir, começou a depositar sacolas de lixo no quintal de sua casa e a tampa de sua caixa de esgoto foi gentilmente colocada próxima à parede, em pé, deixando o caminho livre para o ar. Junto com o ar e com pouco tempo, apareceram baratas, lesmas, moscas e ratos, mas Kassim entendia que tudo era natural e contribuía para o que era mais importante: o cheiro.

A fortaleza de Kassim durou pouco tempo – vizinho sempre é uma criatura inconveniente e que, na maioria das vezes, atrapalha todas as vontades de alguém ser feliz. Alguns deles, os que já não aguentavam mais o cheiro proveniente da casa do rapaz, chamaram a Vigilância Sanitária. Acharam até que ele pudesse ter morrido e a catanga que estavam sentindo deveria ser do corpo já podre, claro. Por que não? O cara tinha sumido há dias.

Ele tinha consciência de que, se não abrisse a porta, ela seria arrombada. Deitou-se no chão entre a cozinha e a varanda, fechou os olhos, buscou dentro de si um ponto simbiótico, a conexão entre todos os cheiros que entravam pelo seu nariz. Chamaram, ele não respondeu. Forçaram a entrada. A cada chute na porta, um pedaço de Kassim se misturava aos odores espalhados pela casa. E ninguém nunca mais ouviu falar do rapaz.

Jaime

FOI O SEGUINTE: eu queria pegar um dos remédios que guardava no armário do banheiro e voltar para a cama. Saí do quarto para pegar água. Queria tomar um analgésico. Minha cabeça doía demais. Mas tinha um corpo do lado da pia.

Eu devia estar sonhando, né? Ia beber água e tinha alguém morto no meu banheiro. Resolvi ir direto pra cozinha, bebi minha água e esqueci do remédio. No caminho de volta pro quarto, a luz fez um foco diferente e eu vi que tinha mesmo um corpo perto do vaso. Um corpo e eu com amnésia. Eu sabia que ninguém ia se mexer além de mim lá no apartamento. Deixei tudo como estava e fui pro quarto. Tentei dormir, mas tudo é mais complicado quando tem um corpo na sua casa, né? Um quem que, por mais que eu tentasse me lembrar, não conseguiria de jeito nenhum.

Eu poderia até ligar pra alguém e esperar que resolvessem minha situação. Eu não tinha ido trabalhar, aquele corpo já não estava tão quente e poderiam dizer que tinha sido eu a assassina do que nem parecia morto. Eu poderia jurar até a morte que não, espernear, chamar minha mãe, mas nada ia adiantar. Pode falar, na moral. Nada mesmo. Sou ré primária por causa do cara que entrou na frente do meu carro. Paguei fiança, mas meu nome nunca vai sair dos registros. Vão dizer que eu matei esse cara e deixei ele no meu banheiro enquanto tramava um plano para sumir com ele. As pessoas especulam muito.

Se eu quisesse esconder um corpo, teria mil maneiras para fazer isso. Mas a questão é que eu não sei nem mesmo quem é ele. Deitada, olhando para o ventilador lento no teto, pensei em ligar para algum amigo, mas era melhor não causar alarde, porque o cara chamaria a polícia e começaria tudo de novo.

Quando não consigo uma solução rápida para as coisas, fico bastante nervosa. E quando fico bastante nervosa, me dá dor de barriga. Como sentar na privada se já tem alguém escorado lá? Era ele ou eu. Eu precisava cagar. Pedi licença e fui. Peguei o moço por debaixo dos braços e girei aquele pedregulho por 180 graus. Sentei no vaso e, enquanto fazia o que tinha que ser feito, observava aquela cara caída, o semblante frio. Não conseguia sair dali. Fui com minha mão nos olhos do defunto e abri para ver a cor. Eram meio verdes, meio azuis. Eu não me lembrava de nenhum homem que tinha os olhos daquela cor.

A coisa ia se tornando um verdadeiro mistério. Lembrei de *Postmortem*, um filme que vi em 2000. Os corpos encontrados no decorrer do filme não tinham marcas de violência nem de sangue. Alguém matava antes, fazia todo o processo sei lá como de limpar os corpos e depositava cada um em um lugar. Fui correndo para a minha caixa de e-mail checar se eu tinha recebido algum obituário no dia anterior. Se sim, eu conseguiria confirmar toda a história para a polícia, que estavam fazendo igual ao filme, me sacaneando. Mas eu continuava no zero.

O jeito era procurar algo nos bolsos do morto de olhos coloridos. O desgraçado não tinha documento. Fui até os jornais procurar se alguém tinha escrito sobre algum desaparecimento, mas era muito cedo e não encontrei nada.

Por mais que eu tentasse descobrir onde tinha visto aquela pessoa antes dela estar bem ali no meu banheiro, eu não conseguia nem pela mais brava das rezas. E, na mais pura certeza de que arrancaria alguma resposta do morto, fui eu, de novo, sentar ao lado dele. Honestamente, eu queria que aquilo tudo fosse uma grande brincadeira, que ele abrisse os olhos e começasse a rir da minha cara, dizendo que eu estava participando de um quadro de TV ou qualquer coisa do tipo. Eu ia ficar muito puta, ia querer matar o morto, mas ficaria bem.

Tive um estalo: eu tinha bebido e usado muita coisa no dia anterior. Aquilo só podia ser a minha imaginação. Eu sabia que o efeito do troço era

pesado, mas tudo estaria em seus devidos lugares assim que eu acordasse. Prometi pra mim mesma parar de usar essas drogas misturadas. Nunca mais queria ver uma bizarrice como aquela.

Acordei com a certeza de que tive um sonho muito louco, senti na cama, ri com aquilo tudo, fui na cozinha fazer um café. Olhei de banda para o banheiro, o corpo ainda estava lá. Me forcei a lembrar de tudo o que tinha acontecido, se era eu quem tinha levado aquele morto vivo pra casa. Resolvi ligar para a portaria. Seu Jaime me atendeu e disse que era ele quem estava de plantão na sexta-feira. Como o prédio é pequeno, ele repara todos os que entram e saem. Sabe o nome de todo mundo e anota mais ou menos quem recebe visitas ou quando ele vê algum movimento. Perguntei para ele se eu tinha subido com alguém no dia da minha folga. A única coisa que ele me disse foi que eu passei o dia inteiro fora e que voltei à noite, com muitas sacolas de feira.

Acreditei nele. Seu Jaime é uma figura. Ele é um pouco diferente, às vezes, num papo longo, fala umas coisas desconexas, como se informações aleatórias atravessassem a cabeça dele e ele não as filtrasse pra dizer. Jaime me perguntou se eu tinha sentido falta de alguma coisa no meu apartamento e eu disse que não. Expliquei que eu estava meio bêbada naquele dia e só queria ter certeza de que estava sozinha.

Ele falou qualquer coisa lá, que confirmaram a vida e concordou com minha história. Não entendi nada. Ele se despediu porque estava atrasado pro turno do outro prédio. Dois empregos, né? Vários turnos. Sabe como é. A crise.

Desliguei o interfone e fiquei mais ainda sem entender aquela praga no meu banheiro. Que coisa era aquela que estava lá, tão morta, tranquila e cheirosa? Tinha passado um dia sem circulação de sangue e cuidados funerários. Mas estava como se não tivesse nada para fazer. Eu tinha coisas pra fazer. Tinha que ir trabalhar. Apesar de ser sábado, eu entrava no meu expediente às 11h. Tomei banho e, como não queria tirar o morto de lá, passei direto pro box. Comecei a conversar com ele sobre como as coisas são doidas.

Num dia você está na correria do trabalho e mal para em casa. No outro, está de folga, tranquila, sai para beber umas cervejas e, quando volta, tem um cara no seu banheiro, sentadinho, sem vida, e você não sabe o que fazer com ele.

Olhei para o defunto e pedi para que ele me desse um sinal. Aconteceu nada. Me arrumei e saí de casa. No trabalho eu não conseguia me concentrar. Chamei um amigo e perguntei a ele se esconderia um segredo meu. Eu sabia que ele era confiável, foi ele quem me ajudou com a parada da fiança. Conteí tudo. Ele não fez nenhum alarde, mas ficou sem acreditar. Depois, me perguntou o que eu faria. E eu não tinha a mínima ideia. Voltei para casa com ele, que queria ver a pessoa e também tentar saber quem era – tínhamos alguns conhecidos em comum. Passei na recepção e seu Jaime estava pegando o turno da noite. Apresentei meu amigo a ele e subimos.

Abri a porta da casa, esperando o cheiro de podre. Mas estava tudo limpo. Pedi para que meu amigo entrasse primeiro e se dirigisse até o banheiro e, pelo amor de deus, arrumasse uma solução para aquela doideira. Ele voltou do banheiro com uma cara de quem tinha sido trapaceado. Riu de mim e perguntou o motivo de eu ter feito aquilo, já que não tinha nenhum corpo lá.

Decidi me mudar daquele apartamento. A cafifa estava mais presente na minha vida do que nunca e eu sabia que tinha alguma coisa com o lugar onde eu morava. Eu tinha que acabar com aquela má fase logo e precisava sair. Arrumei as minhas malas e liguei para o dono do apartamento, dizendo que, por alguns motivos pessoais (sempre eles), eu tinha que me mudar da cidade o quanto antes. Fui para o trabalho e do trabalho para um hotel. Naquela noite, pedi para ficar na casa do meu amigo por alguns dias até que eu encontrasse um novo local para morar. A coisa era mais complicada, porque precisaria arrumar um apartamento mobiliado, já que deixei tudo no antigo e não voltaria lá nem fodendo.

Me mudei para a casa do meu amigo e fiquei por lá durante uns dois meses. Estava tudo muito tranquilo, nossa convivência era bacana – trabalhávamos em turnos diferenciados – e não tínhamos problemas com

coisas divididas. Estava tudo muito bom para ser verdade, na verdade. Uma das minhas folgas caiu numa terça-feira. Era a primeira que eu decidi, depois daquela do apartamento antigo, sair pra aproveitar o dia. Tinha parado de usar drogas, podia curtir só uma cervejinha de leve.

Passei o dia inteiro no bar, conversando com os velhinhos e jogando xadrez. À tarde, quase noite, fui para casa. Encontrei o Jaime na recepção do prédio. Ele me contou que saiu do emprego de um dos dois prédios e que um chegado havia conseguido aquele trabalho pra ele. Trabalhava os sete dias da semana, alternando os lugares. Achei muito bom ter mais um conhecido ali. Jaime era um cara legal.

Subi. Cheguei chamando o meu amigo, mas ninguém respondeu. Os reflexos das luzes da rua clareavam a casa. Queria tomar um remédio. Minha cabeça doía muito porque fazia tempo que eu não bebia. A minha ideia era pegar um dos remédios que guardava no armário do banheiro e ir para a cama. Mas tinha um corpo no sofá.

Vísceras

ELA ENGROSSAVA A FILA DOS FRUSTRADOS. Quando criança, enquanto seus coleguinhas queriam salvar vidas ou ganhar muitas competições, seu sonho era trabalhar no circo como atiradora de facas. Gostava da ideia de correr risco de acertar alguém que estivesse esticado e amarrado naquela roda. Para ela, isso era ser uma heroína porque não acertar a pessoa era salvar a vida dela.

Recebeu, desde pequena, as risadas mais debochadas com relação a sua futura profissão. Da família, da escola, dos amigos. Todos achavam que ela não sabia disso, mas a menina não se importava, queria muito ser uma atiradora de facas. A reprovação, na verdade, só fazia com que ela gostasse ainda mais da ideia de um dia, quem sabe, fazer sucesso com adagas e baionetas.

Queria entreter as pessoas com as facas. Sentia que, quando tivesse a oportunidade de mostrar toda a sua esperteza através da profissão, fecharia um círculo e se entregaria à felicidade. Misturar o perigo com a diversão mexe com o corpo.

Alguém, um dia, acreditou nela. E deu de presente a primeira das muitas facas que ela teria na vida. Com o primeiro presente, incentivou-se a procurar por facas de todos os tipos, tamanhos e de todas as épocas. As lembranças dos lugares que visitava eram facas. Contava mais de cinquenta. Era uma boa colecionadora. Apaixonada por cutelaria, estudou para criar facas, punhais, adagas e machados, tudo com a maior paciência e habilidade. Não existia uma produção repetida. Eram todas bem peculiares.

Criava, mas nunca tinha usado nenhum daqueles instrumentos. Podia vender aquelas facas e ganhar bastante dinheiro. Cutelaria artesanal é bem valorizada. Mas queria mesmo era se divertir com o propósito

primário. Precisava de um painel para treinar e um boneco para servir de cobaia. Providenciou tudo e, na sala da sua casa, armou o circo. Treinava incessantemente durante quatro ou cinco horas por dia até se dar por satisfeita e saber, de fato, como atirar uma faca. O único problema para ela era não encontrar alguém disposto a trocar de lugar com o boneco.

Por muito tempo procurou entre os conhecidos. Depois, entrou em sites da deep web e colocou em seu perfil que gostaria de ter alguém para compartilhar aquela arte. Estava quase desistindo de dividir todo o seu treinamento com alguém quando, numa despreziosa conversa de rua, encontrou um rapaz que aceitou participar da brincadeira. Talvez ele tenha achado que era um blefe e aceitou ir ao apartamento dela por isso. Em sua casa, ela colocou o homem na devida posição. Quando ia atirar a primeira faca, ouviu o grito da desistência, mas ela não havia desistido e não estava amarrada.

Acertou em cheio a primeira adaga. Bem na barriga do sujeito. Uma faca afiada e finíssima, que entrou de uma vez, passando pelo corpo e destruindo tudo o que pôde. Não houve nem momento para grito. O homem sucumbiu àquilo e a primeira reação da atiradora de facas foi entrar em choque, mas tudo logo foi trocado pela curiosidade de atirar mais facas e ver se sua pontaria era boa mesmo.

Descobriu-se uma ótima atiradora de facas. Atirava para acertar. E acertava todas. Não mais incomodou os vizinhos naquela noite com as facas. Jogou tantas facas no defunto que cansou. Sentou-se no sofá, admirou os detalhes mais mínimos da sua obra-prima e sentiu paz.

Decidiu que parte do rito, para encerramento, seria a mescla dos corpos, numa profusão de fluidos. Arriscado, mas valeria a pena o sacrifício. Estando bem próxima ao rosto desfigurado, sem muito planejar, lambeu-o. Queria sentir o gosto do sangue ainda quente. Depois, pensou que deveria ao corpo primeiro de suas experiências pelo menos uma homenagem. Cortou o seu braço e encostou no que restava da barriga do jovem amarrado na roleta do azar. Seu sangue encostava no

dele e ela via o seu corpo fragmentar de si mesmo, grudando cada pedaço em um lugar diferente do cômodo. Sua percepção do mundo naquela madrugada havia sido alterada. A atiradora de facas se viu numa espécie de transe provocado pela troca de sangue que deu um pouco de vida ao defunto e um pouco de morte a ela.

Naquela sala, tudo era sinestesia. Confundiui-se tudo e tudo já era diferente.

Vivida a sandice de um ritual criado naquela hora, caiu no sofá de frente para a cena. Antes que a cidade começasse a se movimentar, tirou os panos que tinha colocado no chão para segurar o sangue que caía do rapaz, colocou-os em sacolas e pensou no que fazer com aquelas vísceras expostas. O defunto estava irreconhecível e a atiradora de facas encontrava uma satisfação proeminente daquela mancha enorme de sangue no chão. Mas, como o relógio não espera ninguém, ela precisava fechar aquele rasgo aberto em seu braço, cuidando para que ficasse uma das muitas cicatrizes das lembranças dos dias mais agradáveis da sua vida que ainda viriam, cortar e juntar os pedaços do cara amarrado na roleta, escolher uma boa camiseta, tomar um café e sair de casa.

Amparo das descontentas

SONINHA ACREDITAVA EM TUDO O QUE LHE DIZIAM e repreendia tudo o que não estava de acordo com os caminhos ensinados pelo seu ministro, digno de admiração de sua plateia porque era um ótimo articulador de palavras impactantes e agradava qualquer coração com alguma necessidade.

Soninha era uma fiel fervorosa, devota ao pastor. Devoção tamanha a dela que não ligou em, determinado dia, praticar adultério, tão recriminado nos sermões, com o próprio pregador. Fez, sem nenhuma palavra dita, nem antes e nem depois, um sexo rápido e sujo. Levantou-se, refez seu penteado e, após certa reverência, saiu da sala do seu mentor. Nunca perguntava para ele o motivo de estar fazendo tudo aquilo, mesmo não querendo. Começou a ganhar privilégios depois do primeiro sexo. Passou a liderar, a mando do pastor, um grupo de mulheres que se reunia quase todo final de semana para estudar a palavra – mas que mais fofocavam e repreendiam o que estava fora do caminho que lhes era ensinado semanalmente. Soninha falava coisas que já não concordava mais e nem sabia o porquê de estar dizendo. A doença da Lúcia, que traiu o marido e por isso foi castigada, o filho gay da Joana, a punição que Mauro recebeu por ter dirigido alcoolizado. Mas seu sexo com o marido da outra era perdoável. Não era qualquer marido da outra, era o homem que tinha uma proximidade o deus deles e, por isso, o perdão para ela se tornava cada dia mais prático e próximo. Baseada nesse argumento, e ainda sem proferir uma palavra, fez sexos e mais sexos com o ministro. Sexos loucos, implícitos, sexos de todas as maneiras e tipos. Tudo lhe era permitido, tudo lhe convinha.

Combinavam antes dos sermões e reuniões e recebia o perdão do pastor logo após o ato. Ele tinha tanto o poder do perdão que perdoava a si mesmo sempre. E disso não passava. Soninha foi ficando cansada da cerimônia,

das promessas e dos mandamentos. Confessou a uma amiga do círculo o que estava acontecendo e ficou sabendo que as duas estavam na mesma situação. Ligou para o amante, marcou um encontro. E foi, linda, para, num só golpe, cortar o mal pela raiz.

Concerto

ENTROU NA FILA PARA O ÔNIBUS. Subiu os degraus, pagou sua passagem e teve sorte. Havia uma cadeira solitária, ao lado da roleta, cercada por vidros ao seu lado direito e à sua frente. Uma cadeira igual à menina: vazia num ônibus lotado.

Desbloqueou seu celular, abriu o aplicativo verde de música e escolheu Mozart. Sinfonia nº 40. Com o sol diminuto, olhou-se no reflexo do vidro e não gostou do que viu. Pela janela, suas imagens preferidas enturveciam. Abriu a bolsa. Sentiu um pouco do peso mundo. Passou a olhar para todos a sua volta como se fossem estátuas em um imenso salão de arte. Começou a sentir o violino cada vez mais brilhante, agudo e estridente.

Fechou os olhos. Quis se tornar diferente do que era. A música tinha entrado na sua cabeça. Olhou para o celular, já sem. Decidiu arremessá-lo ao mundo. Gostou da sensação vinda do estraçalhar do aparelho que voou pela janela.

Foi se desfazendo.

Tirou o fone dos ouvidos, fez nas mãos uma bola de fios e também se livrou daquilo, com Mozart na cabeça. A bolsa ainda aberta mostrava uma vida. Puxou do fundo um bloco de anotações, com todos os compromissos, números de telefones, datas importantes, devaneios. Destacou papel por papel e deixou que eles se curvassem ao vento, exatamente como foram as cédulas, melodiosamente. Moedas caíam como pedras. Papéis, lembranças, fotos. Coisa por coisa. Esvaindo.

Repetia o gesto e o violino invadia cada vez mais sua mente. A viagem do ônibus era de passagem definitiva, ela nunca mais voltaria a passar por aquele caminho. Rompiam-se todas as possibilidades de não ser. Seguiu assim, despedindo-se de cada objeto e atirando-o para o mundo. Pegou sua

identidade, olhou para a foto. Não era ela. E se jogou fora, sem se despedir. Deixou aquela pessoa que não gostava do que via. Sem o registro, era o que queria ser.

Nasal

SENTADO NUM BANCO, Rafael respirava bactérias, fungos e vírus, retidos pelos seus cílios, cobertos de ranho, que ele nem sabia que existiam. Adepto ao sedentarismo, gostava de ir até a praça olhar as pessoas. Levava consigo um jornal, seu único exercício matinal.

Enquanto lia e observava os rapazes sem camisa, com seus corpos másculos e suados, não sentia o ar úmido que entrava pelo seu corpo, através dos pelos microscópicos e a forte irrigação sanguínea. Ah, o ar úmido. Rafael não sabia, mas devia agradecê-lo todos os dias, pois era ele quem dava força a sua mania.

Do outro lado da praça circular com a estátua de um ditador no meio, um rapaz observava Rafael, que passava a sentir algo retido em si. Nos cílios e no muco. Não tinha conhecimentos teóricos, mas era um ser humano como qualquer outro, cheio de necessidades.

Na retina do homem do outro banco, Rafael levou a mão ao seu nariz, retirando a massa empoeirada de micróbios das suas cavidades, o que defendia, até então, seu organismo. Com o primeiro e o segundo quirodátilo fez movimentos semicirculares até formar uma pequena bola. Acompanhava o outro, pacientemente, os movimentos de Rafael que, depois de todo o processo, levou sua mão a depositar o dejetos à parte inferior do banco, no intuito de driblar os olhos daquele que o analisava.

E pensou que tivesse conseguido. Levou a massa à boca, como se fosse arrancar uma pele no cantinho da unha, que foi engolida e digerida por enzimas do seu corpo.

Presságio

DO PÍER OUÇO UM ESTOURO vindo da curva da estrada que liga duas cidades. Chama a atenção de todos e de mim, que num dia sem mais, assisto de camarote ao resultado da colisão. O ônibus ganha a torcida dos que estão na ponte, no píer, no shopping, no corpo de bombeiros, nos outros prédios, para que não capote mesmo sendo esse o esperado.

Como esperado, acontece. A ponte vazia, o ônibus meio cheio, o vento forte e a capotagem. Alguns já devem ter sido vítimas ali mesmo, sentados nas poltronas, em pé no corredor. Pendula mais da metade do automóvel, o vento ajuda. Aproximo-me do final do píer e lamento por meus óculos não serem binóculos. A ponte parada.

Vejo o ônibus virar lentamente com a porta primeira buscando o chão. Acompanho o desespero dos passageiros e viro um durante a queda. Vejo a vida passar diante de mim, vejo-me velada num vídeo sem cor.

O ônibus cai.

Junto com os passageiros caíram outros. Caí também, morta, cortada com os estilhaços das janelas e dos destroços, suja de sangue, de água e de sal. Quebrei-me por completa. Joelho, ombro, pé, dedos. Pescoço. O aço fincou minha barriga. Alguns ainda gritam, pedindo por socorro, mas vão se calando, calando. Até restar só vento, que vai ficando mais forte com a descida.

Corpos se batem e desesperados tentam pular da janela quebrada. Um desastre num tempo ruim é como será lembrado o episódio em que nós morremos. Daqui do píer todos olham perplexos para o que aconteceu.

Eu prefiro pensar nos vivos. Os mortos não têm preocupações.

A minha família que viverá, a partir de agora, sem mim. Provavelmente terão saudade por dois ou três meses, talvez anos. Minha terapeuta disse

que o luto dura cinco. Mas serei apenas uma lembrança em pouco tempo. Alguém que poderia ter tomado outro ônibus, ter ficado em casa, mas que, por azar, morreu. Pena.

O ônibus fura a água e faz um estrago maior. Tudo se mistura ainda mais e constato que, pela destruição e a altura da queda, todos já estão mortos, inclusive eu. Misturada com outros pedaços, outros corpos, com pedaços meus espalhados pelo mar, espero que venham buscar o que sobrou dos passageiros.

Resquícios da aurora

O REFLEXO ALARANJADO DA JANELA do outro lado da rua clareia a sala, matando o silêncio misericordioso da madrugada, mostrando que se fez dia. A varanda é nuvem e o menor poder de um deus qualquer é reservado para essa hora de triunfo. Ela fecha os olhos e se vê pássaro, voando coreograficamente no bando, no vácuo, poupando energia, migrando de um lugar para outro, para o desconhecido, a milhas de distância. Os sons permitem que se torne qualquer coisa: carro, ônibus, avião, vento, gente. Qualquer coisa. Tudo. Pouco. Nada. Quase. Observa o sol, já com posição e cor diferentes. Não há mais reflexos, só estilhas, ilusões de ótica de sua própria existência.

O silêncio permanece como discurso comum, complexo. Visível e encarnado na miséria e na beleza. Dentro de casa, observa a abstração do que há além. É imaterial o que vê sentindo o peso dos anos que passam defronte à parede branca que encara.

O sol, numa fração de segundo, amadurece o signo. O ser reconhece que há algo a ser extirpado, expelido de dentro, jogado violentamente para fora. Um órgão qualquer, algum produtor de sensações que arraigam da memória.

Desvencilha-se de si mesma como se realmente tivesse se tornando duas. Seu corpo jogado no chão, com marcas passadas, é visto pelo mesmo corpo, de pé. Junta-o aos outros cadáveres que não quiseram verdades, aos espíritos de selva escura.

O lume do sol clareia tudo.

Contato

DE OLHOS ABERTOS, da esteira no chão olhando para o teto, lutou com indisposição e não conseguiu romper com ela. Durou mais dez ou quinze minutos talvez jogada na mesma posição, com um dos braços levado ao chão, um pé para fora da palha e a cabeça por baixo do travesseiro.

Não haveria de ter alguém para lhe servir um café. Sentou-se, encaixou os pés nos chinelos e, amarrutada, foi à cozinha. Às vezes o inesperado faz com que nossos pensamentos parem. Parou na sala, onde recebeu o cumprimento de uma figura estranha, ilustre, que lia o jornal. Sentada numa das cadeiras, olhou por cima dos óculos e simpaticamente balançou a cabeça num sinal positivo.

Ela repetiu o gesto, ainda com os olhos cerrados, e foi até a geladeira. Pegou um copo, encheu-o de água e refez os passos de volta, vendo a girafa que ainda lia as notícias do dia. Tentou se lembrar do dia em que se conheceram. Tédio. Bebeu um gole, voltou a dormir.

Sonhou com o mesmo gesto feito para a figura que estava na sala. Acordou num susto, com o coração na boca. Era impossível que estivesse, em sua sala, uma girafa. Não era impossível. A girafa estava lá, jazendo o sono da pobre coitada e lendo seu jornal por cima dos óculos postos na ponta do seu nariz.

Sentou-se na esteira, escorou na parede e começou a observá-la pela fresta da porta. Tranquila era a girafa, tranquilos eram seus gestos. Quis chamá-la. Sorriu. A girafa olhou para ela, terminou a página de esportes, fechou o periódico e começou a conversar.

Tombo

PASSANDO POR UMA PINGUELA SE CHEGA A UMA QUEDA D'ÁGUA. Entre esses dois espaços há um caminho de terra seca e muita árvore. Um casal de turistas leva seu filho para mergulhar na pequena cachoeira. O ano é um qualquer do futuro. Não dá para ver as pedras nem o que há debaixo d'água.

O menino insistiu em mergulhar. Eu, que não conhecia nenhum dos três, avisei que não dava para saber o que a água escondia. A água era limpa. Algo de muito estranho aconteceu, ninguém da região sabia informar o que era, mas a água tinha ficado daquele jeito. O povoado resolveu aceitar a condição da água. E ninguém perguntou mais sobre aquilo. Mas, se o garoto quisesse mesmo se molhar ou estar ali perto da água, era só descer pelo lado da outra ponte, pular da terra para a pedra. Ele foi. Eu fiquei ao lado dos pais, olhando aquela cena, o menino pulando na pedra que quase não podia ser vista por causa da água turva.

O menino que eu não sabia o nome enxergou a água um pouco mais limpa do que nós e gritou sobre algumas pedras que avistou. Elas formavam, disse ele, uma trilha para o alto. Pedi para que os pais alertassem que ele não subisse, mas não contente com a ordem, foi. Falava que era um desbravador e ia dominar aquele lugar. Eu já tinha visto aquela cena. Se os pais não falavam nada, quem era eu para dizer algo. Ele subiu e, de repente, estava do outro lado, em cima da gente. Sentado no chão, com as pernas cruzadas e, para alívio dos pais, calmo, jogando videogame em meio à folhagem, às pedras miúdas e à terra seca. O videogame era novo, apesar do modelo parecer um Atari. Os fios estavam esticados e a TV acoplada à árvore mais frondosa do lugar.

Eu insisto que ele não pode ficar lá. Naquele lugar, ninguém vai. Os turistas começam a ficar com medo, mas não sabem o que fazer porque não

conseguem subir. Parece muito perto da gente, mas o menino está distante e, para chegar lá, só passando pela trilha que não vimos. Eles podiam sumir naquelas águas. Onde ele estava viviam criaturas diferentes. Os pais ficaram atônitos com minhas palavras. O menino não os ouvia, porque estava longe demais. Continuo na ponte, ouvindo a água passar pelas pedras. Quando olho pra cima, o garoto não está mais lá.

Fomos um pouco mais à frente da ponte e, quando demos por nós, estávamos em um lugar completamente diferente. Uma casa de madeira, com pessoas agindo de maneira sequenciada, movimentos calculados e robóticos. Ninguém falava. O cachorro era igual. Agia da mesma forma, em suas quatro patas, não tinha nada de animalesco. Eu sabia que era algo com a água, mas não conseguia dizer. Minha voz era impedida de sair do meu corpo. Era como se estivesse paralisada, consciente. O pai do menino aceitou o copo vindo em sua direção. Bebeu um pouco da água, que era transparente e foi se tornando turva, mas já estava ocupando seus espaços a nada podia ser feito. Ele começou a responder os comandos no idioma daqueles seres, uma língua estranha. Depois disso, começaram todos a se portar de maneiras aleatórias. Tudo acontecia em um quintal com jabuticabeiras e mesas com tampo de troncos de árvores, bem desenhadas e redondas.

O menino estava lá, ao longe, com o videogame. As cenas passavam sem ele se mover.

Conceição

FICAMOS SEM NOS FALAR POR ANOS. Incongruências de relacionamentos humanos. Mágoas guardadas em todas as gavetas. Até que decidimos nos rever. Foi estranho encontrar aquelas desconhecidas. Era muito tempo. Decidi aceitar como algo bom. Em questão de horas tudo já era diferente. Conversávamos sobre o que não sabíamos umas das outras e tudo bem.

Chegou meu horário de ir embora. O carro já estava em frente ao saguão do prédio me esperando. Precisava mesmo ir. Abracei uma das moças e lhe disse que tinha sido bom reencontrá-la. Que a vida era mais divertida com ela. Ela retribuiu o abraço, sorriu, mas nada falou. Era de muitas palavras, mas o tempo teve o trabalho de retirar algumas delas. Foi silenciando. Até que sumiram, pela janela, ela e seus balbucios. Sem cerimônia. Na frente de todos da festinha.

Eu tentei segurá-la com meu braço, mas ela se esquivou e mergulhou como se mergulha em água gelada. Estava preparada há muito tempo para aquele momento. Provavelmente esperava todos que ali estavam reunidos. Esse exercício de paciência não deve ter sido fácil.

Do sexto andar olhamos todos pelas janelas e lá embaixo estava ela, serena.

Porco

UM RESTAURANTE A CÉU ABERTO. Tudo em tom pastel. Ambiente bonito e claustrofóbico. Mesas pequenas e grandes, altas e baixas, de madeira, de ferro, de tudo quanto é tipo. Muitas pessoas ocupavam essas mesas, comiam suas refeições.

Sentei numa mesa baixa, tipo oriental, de madeira rústica. Mesa grande de varanda de casa na roça. Era difícil ajeitar e acomodar as pernas. Alguém me disse que a carne de porco dali era a melhor. Outra pessoa comentou que só frequentava lugares que conseguia ver o cozinheiro fazendo a comida, por questão de higiene.

As mesas ficavam em terra firme, mas o restaurante era flutuante, dentro de uma canoinha dessas de mangue. Simples e bonito. Coloquei um pé, depois o outro, entrei na cozinha e, na hora que pisei, senti o chão macio. Não era frio. Olhando para o chão, vi que a extensão do barco inteiro era de cadáveres. Fui reparando os corpos e percebendo que, de dentro, as paredes eram muito altas e o barco era enorme. Reparei os animais no chão. Cavalos, cachorros, pedaços de carne que não consegui identificar. Sob os corpos, outros corpos. O espaço entre dois animais eram animais embaixo deles.

Procurei o porco. Não encontrei nenhum. Só via animais que eu nunca imaginei comer. Uma espécie de cavalinho, do tamanho de uma bolsa de mão. Pré-cozido. A carne era branca como peito de frango. Com cabeça e crina.

Tudo era disposto de um jeito muito sujo, nojento. Só dava para pisar nos bichos mortos por não ter outro lugar onde pisar e não tinha como mais sair do barco, porque as madeiras eram altas e não tinha porta. As carnes sangravam pastel.

Perguntei ao cozinheiro como ele ia preparar a carne de porco sendo que não tinha porco ali. Eles vendiam outras carnes dizendo que eram as carnes escolhidas pelos clientes. O cozinheiro me respondeu que ia fazer carne de porco porque eu pedi carne de porco. Chegando próximo à parede do barco, fez dois cortes laterais, um em cima, arrancou uma lasca do barco e colocou na tábua a costela.

Rua Nove

UM QUARTO QUE ERA A SALA E O APARTAMENTO INTEIRO, com uma sacada. A TV estava ligada e eu com o celular na mão. O telefone tocou. Alguém que nunca tinha me ligado, mas era importante e eu não podia deixar de atender. Eu não tinha o número dela, mas apareceu o nome e a foto. Puxei o ícone verde com o dedo indicador da mão direita e coloquei o celular no ouvido. Ouvi um ruído e, na hora que eu olhei a tela do telefone pra ver se estava funcionando, o celular começou a abrir e fechar um monte de aplicativos. Por último, abriu a câmera frontal. Estiquei o braço para fugir da câmera e ela ficou filmando o teto. A gente continuava ouvindo o ruído, que começou a chegar das paredes, do teto, do chão, dos outros apartamentos.

Invadiram a rede do prédio pelo meu telefone. Ela ficou congelada sem saber o que fazer e falar. Começaram a piscar, na tela do telefone, as câmeras de segurança dos apartamentos, dos corredores e do comércio debaixo da nossa casa. Eles tinham acesso às câmeras e aos áudios. Olhei pela janela e vi a tia na porta do estabelecimento. Chegou uma tropa de homens vestidos de preto, com touca, armados, empurrando ela para dentro do estabelecimento. Não dava mais para ver pela janela. Olhei pelo celular. Eles batiam em todo mundo, quebravam tudo, como se procurassem alguma coisa.

Alguns dos encapuzados saíram pela lateral do estabelecimento, que dava acesso ao prédio. Eles estão procurando a gente. Na câmera do corredor, vi os caras subindo as escadas. Pedi para que ela trancasse a porta. A gente vai morrer.

Anjo

VEJA. Esta senhora é um exemplo muito bom para o que eu estou te contando. Ela era muito ativa e não gostava de parar em casa. Nem aos domingos. Quando ela tinha uns 68 anos, sua companheira morreu. Dali em diante, perdeu um pouco da agitação. Eram só as duas. Foi desanimando, desanimando, até que ficou doente, de cama, sofrendo em casa, sozinha. Sua família trouxe suas coisas para cá e, com o tempo, ela foi perdendo a lucidez – e a família administrando de longe. Passou a usar medicamentos, fraldas e ganhou outros cuidados, uma atenção maior, por assim dizer. Ela não gostava de nada disso, apesar de saber que precisava. Mas isso também, com o tempo, foi mudando. Seu quarto foi transformado neste leito. Ela entrou em coma porque seus órgãos já não funcionavam muito bem.

Um dia, a equipe concluiu que, pelos reflexos dela e mesmo que o coração continuasse batendo forte e sua respiração estivesse boa, a senhora jamais se recuperaria do coma. Os remédios ficariam ali sendo trocados e só isso. E é agora que eu te explico o meu gosto por esses momentos. Ela já tinha vivido o que lhe cabia. Nessa época era só dor e sofrimento. Alguns dos parentes vinham, pouquíssimas vezes, e falavam sempre que se ela descansasse seria melhor para todo mundo. Acho que se ela tivesse consciência, concordaria.

Eu conversei o tanto que pude com ela antes de tomar essa decisão. É mais fácil quando o paciente me pede. Entramos num consenso e tudo fica mais leve. Essa decisão foi difícil. Acredito que os pacientes, por mais que estejam morrendo, ainda nos ouvem.

Eu disse que achava o melhor a ser feito. E fiz.

Pra mim, tudo bem ver a vida escorrer pelo corpo de quem quer que seja. É um deslumbre ver o final dos que não são eternos. É bonito ver o

amor se materializar bem na minha frente. Imagino que não sou tão fria a ponto de querer morrer sozinha. Por isso, mesmo fazendo o que eu faço, prefiro ajudar as pessoas a se sentirem seguras para irem confortavelmente. Não que eu seja uma espécie de deusa, só gosto de saber que estou ajudando alguém no momento de desespero, que de certa forma é causado por mim, mas isso não interessa. É nobre.

Sempre ofereci, para todos os pacientes, uma das minhas mãos para que eles a segurem na hora mais difícil. Parece que isso de encostar em algo mais vivo do que eles faz com que sofram menos. E eu sempre considerei dar a mão a outra pessoa o mais sincero dos gestos. Você encosta a palma da sua mão em outra palma de outra mão, encontra outros dedos que não são os seus e vê, no meu caso, o sentimento mais puro nos olhos do outro. Isso é sim uma forma de amor. Mostro todo o meu sentimento que vale a pena ser mostrado por quem quer que seja, num único minuto. Isso me basta.

Ciência

COMO VÃO VOCÊS? Estão preparados? Vestiram suas roupas de proteção e lacraram tudo? Muito cuidado com qualquer fresta nessas roupas ou nos equipamentos, hein. Da última visita soubemos que deu errado com o fulano lá que rasgou a calça no que restava de um vergalhão no caminho. Não queremos isso na nossa equipe. Lembrem-se que tudo o que acontece com vocês é de responsabilidade de vocês. Cada um assinou um contrato. Se vocês só assinaram pela grana e não leram o contrato, ou leram e não entenderam, é basicamente isto que ele diz: a empresa não se responsabiliza se você, por algum motivo, morrer; se algum equipamento seu estragar; se você não puder ter filho ou se seu filho nascer com modificações genéticas sem explicação. É a sua conta e vida em risco. Assinou pelo bem da ciência. E porque quis.

Vamos ao que realmente interessa: isto aqui era um povoado. Lindo de se ver. A economia local se bastava, todos se conheciam e a subsistência era o turismo de aventura. Como eram maravilhosas as cachoeiras. Tive a oportunidade de vir aqui antes do rompimento da barragem e fazer muitas coisas bacanas neste lugar. Imaginem uma comunidade onde tudo funciona, todo mundo tem peixe fresco todo dia, porque é só ir do outro lado da rua e pescar. Imaginem a loucura que não deve ter sido. Você está vivendo seu dia tranquilamente e de repente ouve um aviso para deixar sua casa em cinco minutos porque uma barragem rompeu. E aquele monte de água vem tomando o povoado inteiro, arrancando tudo quanto é coisa que vem pela frente.

Não tem aquela parte alta ali? Os moradores foram para lá durante o dia. À noite, a lama destruiu a região inteira. Casa, carro, móveis, lojas, objetos, vidas das pessoas. Toda a sua vida soterrada e você não pode fazer nada com relação a isso. Imagina.

Aqui era bonito demais. Hoje é só sílica e barro. Não dá nem para reconstruir nada por enquanto. Acho que só daqui uns trezentos anos, na verdade. E olhe lá.

Acabou mesmo. Para mim, esse é o maior desastre que podia ter acontecido no país. Muita gente morreu, muitas cidades foram afetadas. Vi muito bicho morto pelo curso do rio. Muita mosca tentando pousar na água do mar bem longe daqui. Muita coisa podre. Não se sabe nem quantas vítimas são. Mas não tenham dúvidas de que foram muitas as pessoas prejudicadas por isso que muitos chamam de acidente.

Pesquisadores estão sem verbas e carros para agilizar suas pesquisas. Vamos aproveitar o que aconteceu para sermos melhores. Precisamos dar mais sorte do que o grupo que veio aqui antes. Ainda não conseguiram diagnosticar o que houve com os equipamentos deles. Todos estragam. Eles fizeram muitos registros, escreveram artigos com o que encontraram, resultado das amostras, tentando provar para as pessoas que havia alguma vida aqui. Mas, sem provas, ninguém acredita. Viraram chacota nacional.

Precisamos focar no resultado. Qualquer coisa que encontrarem, o menor resquício de vida que acharem pelo caminho, registrem. Anotem as características. Escreveremos, faremos vídeos, daremos entrevistas. Mudaremos o curso desta história. Tentaremos provar que há possibilidade de mudança, de que tudo voltará ao normal. As pessoas são fáceis. Se dissermos que há verde nesta região, elas se esquecerão imediatamente do desastre. Ganharemos muito dinheiro dessas empresas. Muita fama. E tudo voltará ao normal graças a nós.

Nunca mais precisaremos trabalhar. Pelo bem da ciência.

Monstro

ONTEM SONHEI COM VOCÊ. Não foi um sonho bonito, com gramado verde e borboletas voando pelos campos de trigo nem uma das noites que me fazem acordar cheia de tesão pelo dia, pela vida e tudo mais. Eu apanhava, muito. Quando conseguia olhar para cima, procurava algum rosto para identificar e denunciar assim que sáísse daquele porão. Só via o seu. E de longe. Pouco importaria se eu acusasse você. Você, soberano, não encostava em mim. Suas palavras me cortavam mais do que os rasgos feitos com adaga. Alguma coisa me puxava para dentro do sonho toda vez que eu dizia pra mim mesma que não era verdade. Que era só eu abrir os olhos que estaria longe de você e de toda aquela agonia. De todos meus pesadelos, desse foi o mais difícil de sair.

Estávamos sentados em cadeiras plásticas vermelhas, num calçadão com uma banca de revistas e um bar. Entre amigos, bebíamos, líamos textos e jogávamos conversa fora como se não houvesse problema na vida de ninguém. Estava todo mundo bem, apesar do que vivíamos. Tudo corria como planejado até que olhei pro lado e vi você encostado na parede, embaixo de uma loja de artigos religiosos, observando a gente, ouvindo nossas vozes e sorrindo para mim.

Flash.

Um dos que estava na mesa sumiu.

Flash.

Menos dois.

Dando a entender ser somente mais um querendo atravessar a rua, você tentava ouvir nossas vozes de novo. Ficou parado atrás da gente e ninguém percebeu meu desconforto. Eu vi surgir, nos seus olhos, a sádica certeza de que é você quem manda e manipula.

Você gosta disso.

Fomos sumindo, um a um, até tudo apagar, até o susto chegar, até eu acordar com esse sentimento ruim. Acordar e ter, como primeiro pensamento, todas as injustiças causadas por você, que é bicho. Você não se importa com ninguém. Seu negócio é mastigar e engolir sem sentir gosto, para se abastecer e cagar logo depois. Você não presta, você limita, anula, se faz de sonso, mas só destrói planos e tira a minha vontade de viver.

Depois desse sonho tenho andado com os olhos em todos os lados da rua, procurando pela sua turma. Pra falar a verdade, fiquei até com um pouco de medo de sair e ser arrebatada por você, que não é nem um pouquinho deus.

Você se impõe, você não sabe ouvir ninguém.

E, se isso é uma mensagem, ainda não é o suficiente. Tudo aqui é jogo. A gente aprende a jogar vivendo. A gente precisa saber perder. Você deveria pensar também dessa forma, para ver se muda um pouco essa sua cabeça.

Família

HOJE É SEXTA-FEIRA TREZE. Quinze pras cinco da tarde. Calor e horário de verão em plena primavera. Todo mundo teve a mesma ideia que eu quando decidi fazer um jogo na loteria. O prêmio é grande dessa vez. Eu sei que nunca vou ganhar, mas continuo jogando. Nunca andei com muito dinheiro, nunca ganhei dinheiro com jogo. Meu pai já, e muito. Meu avô também, mas eu não herdei essa sorte. Nem o dinheiro deles.

Muitas pessoas estão na fila, muitas conversando ao meu redor. Desconhecidos puxam papo falando sobre o clima. Ou sobre a fila que está devagar. Eu não olho no olho de ninguém. Não quero assunto com ninguém. Quero jogar, ganhar, enriquecer e mandar todos à merda.

Queria mudar de profissão, mas nem sei como recomeçar. Talvez desse certo mas, mesmo assim, eu continuaria, com sorte, vindo todas as sextas-feiras às quinze pras cinco da tarde comprar bilhetes da Mega. Dinheiro pra loteria. E eu persisto nessa idiotice. Vou parar de jogar. Mais de dez pessoas na minha frente. Uma bagunça.

A loteria fica num supermercado. Atenção, João, compareça ao setor de congelados. Esta cidade me dá tédio. Se eu ganhasse esse prêmio poderia ir embora pra bem longe. Talvez Berna. Sempre achei a cidade bonita. Quero fugir daqui e não posso. Se não fosse pelas minhas obrigações, eu já teria sumido há muito tempo.

A placa sem pontuação diz que só faz saque com apresentação de documento com foto. Colabore obrigado. Entrego as últimas moedas que estão no meu bolso. Obrigada e boa sorte. Moça, eu sei que não vou ganhar. Mas o que custa tentar, não é? Três reais e cinquenta centavos.

Aproveitei e passei pelas gôndolas para comprar umas coisas e deixei o bilhete no fundo da cesta. Paguei a conta, saí do mercado e minutos depois

voltei pra buscar. Ainda estava no mesmo lugar onde deixei, numa cesta embaixo de outra cesta embaixo da rolagem da caixa onde passei as minhas coisas. Mas não sei o porquê do desespero. Eu não vou ganhar esse prêmio. Cento e dez milhões de reais.

Entre num ônibus para descer dois pontos depois. Precisava levar as compras e o bilhete pra casa da minha tia. Se acontecer algo comigo mais tarde, pelo menos ela fica com o prêmio e talvez vire uma desconhecida em um país desconhecido. Na pressa, não olhei qual era o destino do coletivo e só consegui descer no terminal de outra cidade. Expresso. Quando você quer, ele não vem. Quando não quer, entra nele sem perceber. Eu senti que alguém estava me observando desde a loteria, desde o meu jogo cheio de estratégia que não vai dar dinheiro.

Na última suspeita de que alguém me seguia, estacionei o carro numa vaga embaixo de uma árvore, perto de uma pracinha. Já era tarde da noite e, além da sombra no próprio interior do carro, também escurecia a rua a sombra da árvore. Mudei pro banco do carona e puxei do banco de trás do carro um troço parecendo um corpo, esquisito, com uma cabeça do tamanho da minha e um cabelo igual ao meu, tudo preparado para o momento, e saí pela porta do carona, sem barulho. Encostei a porta de volta e não tranquei o carro, porque se eu fechasse iam ouvir o som do alarme sendo ativado. Saí quase rastejando pela calçada, dobrei a esquina. Peguei o primeiro ônibus que passou, parei no primeiro hotel que vi e dormi por lá. No outro dia resolvi voltar para ver se não tinham roubado o carro. O seguro cobriria, se fosse o caso.

A lataria ficou cheia de buracos.

Não tenho medo de morrer. Só acho ruim não deixar nada de útil pra minha tia. Queria que ela sumisse daqui, aproveitasse a vida longe, sem medo de ser feliz. Sinto que é um favor, já que o dinheiro está pela metade e parece que tudo desmorona. O círculo está ficando cada vez menor e ela merece mais do que todos neste mundo. Não quero morrer agora porque preciso organizar coisas na empresa, deixar tudo certo para quem for me

substituir. E ainda tem muito por fazer. Geralmente não trabalho fora do escritório. Mas agora nem ligo porque não tenho mais quem proteger. E isto aqui é uma bagunça. Ninguém vai me prender. Nem vão saber que fui eu.

Minha tia foi uma das criadoras da empresa que hoje eu administro. Foi muita luta, muita coisa em jogo, muitas perdas e ela acabou sozinha. Da nossa família, só restaram ela e eu. Ainda é muito respeitada por quem sabe da sua casa, um território metaforicamente inacessível, porque é bem perto do Centro, mas ninguém sabe que ela mora lá. O bom desta cidade é que, apesar de pequena, seus habitantes querem a fama de morar em metrópole e fazem questão de não se importar muito com quem mora ao lado. A indiferença é o que facilita as nossas vidas.

A casa da minha tia é um buraco. Quem entra sem ser convidado, não sai. Seguranças moram na casa, fazem rodízio, são muito bem pagos e amigos dela. Sei que apenas duas pessoas entram lá além deles. Uma sou eu. A outra eu não sei e ela não faz questão de me contar.

As pessoas têm essa mania de querer saber o que é além delas e ficam enchendo o saco das outras perguntando sempre se está tudo bem mesmo ou qualquer coisa que prolongue um assunto. Insistem em quebrar o silêncio. O grande mal do ser humano é insistir em coisas que não são da sua competência e achar que silêncio é uma coisa ruim. Eu pergunto sempre uma vez só. Se ouviu e respondeu, tudo bem. Se ouviu e não respondeu ou se fez não ouvir, tudo bem também. Não me importo. A gente sempre esquece as perguntas sem respostas. E as respostas das perguntas que fazemos.

Minha tia não mantém números de telefone nem contas em redes sociais. Se desligou do mundo forjando sua morte porque chegou o momento que ela sabia muita coisa, e saber muita coisa compromete muita gente. Antes que fechassem a sua boca, ela fingiu ter morrido. Foi divertido, mas essa brincadeira fez com que eu assumisse todas as responsabilidades dela.

Poucos sabem da casa onde ela aproveita a sua aposentadoria. É bem bonito lá, no centro da cidade, tudo muito verde e calmo. Ela tem sua própria horta, cultiva vegetais e até algumas frutas e plantas exóticas.

Levo, às vezes, apenas o essencial, como fiz hoje. Não costumo demorar porque sinto que estão me seguindo. Não costumo ficar mais do que quinze minutos em qualquer lugar. Augusta sempre vai comigo, mas fica longe. Ela me auxilia e me assegura de que posso andar pelos lugares. Augusta também tem alguém que faz isso por ela. E alguém que faz isso pro alguém da Augusta. Somos quatro. Na rua, a gente sempre anda junto apesar de não ter nenhum tipo de contato além do visual. Ficamos sempre próximos. Fomos treinados para agir assim e fazemos tudo com muita precisão.

Fico pensando em quem vai me substituir. Talvez seja a própria Augusta. É uma pena porque uma pessoa tão boa como ela vai começar a ter essas manias de perseguição, mesmo que ninguém esteja perto dela. Depois de tanta coisa acontecendo ao mesmo tempo, tanto dinheiro circulando por corredores, você começa a pensar que, mesmo no vazio da rua, um cano está apontado na sua direção. E a bala voa. O que é um cérebro ou um corpo inteiro pra uma bala viajante?

Eu precisava conversar com ela sobre todas as pendências, atualizar tudo. Deixei, por precaução, no cofre da minha sala, uma lista de coisas para fazer e quais grã-finos participam diretamente do jogo. Se me pegarem e me deixarem com vida, sei que tem gente que me protege e cria versões autênticas para me livrar das acusações. Tenho influências, mas já estou começando a saber sobre muita coisa. E o dinheiro tem diminuído. O que consigo paga as despesas da empresa e sobra relativamente pouco. A clientela anda bastante desconfiada que eu entregue alguém. Todo mundo precavido numa corda bamba.

Augusta disse que eu posso me entregar e esclarecer todo o esquema de lavagem de dinheiro e corrupção desses órgãos públicos. A nossa empresa ajuda tudo acontecer, mas sem outras empresas, nada seria possível. Eu poderia pedir imunidade em troca de todo mundo, olha que maravilha. Sumiria pra Berna. Assim que abrir a boca sei que não vou poder mais ficar no país. Terei que sair daqui o mais rápido possível. E andar sempre com essa sensação de que alguém pode atirar em mim. Talvez seja mais

fácil forjar a minha própria morte, como a minha tia fez. Ou atirar na minha própria cabeça.

Eu não vivi sempre aqui. Nasci em uma cidade muito maior do que esta. Não tive irmãos, não conheci minha mãe. Tudo era bem calculado na minha infância. Fiz de tudo um pouco e aproveitei bastante os horários. Fui uma criança com mil tarefas. Lembro pouco dos momentos de lazer. Meu pai sempre foi empenhado em me treinar, minhas brincadeiras eram estudar e praticar artes marciais. Foi lá que conheci Augusta. E de lá ela veio pra cá com a minha família.

Quando fiz quinze anos ganhei, de presente, moradia em outro país. Era luxuoso para crianças da minha idade ter algo do tipo e eu sempre quis cursar algo na área administrativa porque já sabia que, em determinado momento, herdaria a empresa – e sabia que era com a grana da empresa que eu moraria fora. Não entendia nada além disso, então tudo bem. Juntei o útil ao agradável. Enquanto morávamos fora, minha tia era quem organizava tudo por aqui.

Durante a faculdade treinei tiro e estudei os infinitos modelos de armas de fogo. Alguém sempre me dizia que todos eles me seriam úteis um dia. Eu morava num país que era liberado o porte de arma e minha casa era um arsenal. Meu pai e eu tínhamos uma reunião por semana e cada semana era numa hora e num lugar diferente. Toda reunião durava quinze minutos. Não podíamos nos ver mais do que isso.

Eu podia saber que alguma coisa estava prestes a acontecer, mas nunca me preparava o suficiente para não ativar toda a minha adrenalina com os testes que minha tia e meu pai armavam para mim. Tive que me defender, muitas vezes, utilizando técnicas e táticas que aprendi. Nunca matei ninguém porque eu sabia, no fundo, que eram testes, me lembro do meu pai comentando com Augusta, quando eu era criança, sobre essa prática. Tinham acabado de testá-la.

Escolhi minha vida por assimilação e por desejo da minha família. Sempre precisei de alguma coisa que me acalmasse e encontrei na

meditação um suporte para controlar a mente, abstrair a coisa toda quando fosse necessário. Voltei para cá assim que terminei os cursos. Voltei só com o meu pai. Como não podíamos ser vistos sempre juntos, meu pai e eu resolvemos viajar de formas diferentes. Ele, de avião particular. Eu, num voo convencional. Fizemos o itinerário de forma que chegaríamos com duas horas de diferença. Ele nunca chegou. Nunca mais ouvi falar dele, nem uma notícia sequer. Desisti de procurar. O avião deve ter sido abatido, caído no mar.

A única coisa que eu sei é que não há como mudar destinos. Minha tia e eu dissemos para todo o pessoal que meu pai se aposentou e que não voltaria a pisar na empresa. Alguns deram razão porque já fazia um bom tempo que ele tinha ajudado a erguer tudo e precisava de um descanso. Isso foi, de certa forma, ruim para o desenvolvimento financeiro e nos atrapalhou em diversas questões, já que, junto com meu pai que não podia ser dado como morto, foi 50% do dinheiro. Não podíamos mexer na conta dele porque não tínhamos cartões nem procurações. Ele não deixou nenhum indício de onde estaria a sua parte da empresa, já que retirou tudo antes de me levar para estudar. Não podíamos repassar isso para frente porque ia gerar um caos e muitas pessoas saíam da empresa, com medo de abrirmos falência e elas ficarem sem dinheiro.

Preferimos não contar nada. Fiquei mesmo com as obrigações dele e tive, desde o começo, o auxílio da Augusta, que se antecipava e fazia todas as coisas da forma como eu imaginava. Estabeleci uma relação de confiança com ela, que chegou a dizer que eu parecia com o meu pai nas tomadas de decisões e, por isso, ela já sabia o que fazer. E queria me ver em campo.

Eu também queria.

Tenho vários pontos de estadia e nunca fico duas noites no mesmo lugar. Às vezes, nem na mesma cidade. Augusta sempre está por perto. E os alguéns também. Não gosto muito de me conectar porque não quero rastreamento. Busco na meditação a calma para as tomadas de decisões do dia seguinte e a concentração para acertar. Conhecendo os limites do meu

próprio corpo, sei até aonde posso ir. Medito mais do que durmo. Não posso apagar.

Augusta me ajuda bastante. Ela é quem faz as reuniões com os clientes com algum potencial e conhece todo mundo. Enquanto ela está na rua resolvendo alguma coisa para a empresa, eu fico na sede porque temos proteção suficiente. Augusta já era amiga do meu pai e da minha tia antes de tudo começar. Há uns doze anos armaram pra ela. Minha tia arquitetou tudo para conseguir o maior investidor da nossa história e fomos descobertos. Augusta fez o contato com eles. Todos saíam da empresa, localizada num bairro afastado, quando fecharam o carro dela.

Foram direto a um galpão num bairro movimentado da capital e deixaram ela amarrada. A ideia provavelmente era fazer com que ninguém entrasse lá ou atirasse com qualquer arma, já que era muito próximo de espaços públicos bem movimentados. Qualquer tiro seria motivo para alarde. Dois caras vigiavam o galpão. Começaram a perguntar para Augusta quem éramos nós. Ela não abriu a boca e, por isso, foi intimidada de muitas formas. Ela me poupou detalhes, mas sei dos cortes nos braços, na canela, entre os dedos dos pés e das mãos, na barriga. Pequenos choques em cima desses cortes, muitos dentes perdidos, muitos socos no rosto, na cabeça e chutes em quase todo o corpo amarrado.

Minha tia pagava muito bem um informante da outra empresa, que passou a ela o itinerário da Augusta. Ela, junto com dois amigos, foi ao destino. Chegando lá, teve que atirar nos dois seguranças do galpão. Só assim conseguiria chegar perto da Augusta, desfigurada, moída, sentada numa cadeira para morrer.

Um dos seguranças do galpão reagiu e foi acertado no peito por um dos amigos da minha tia. O outro, como levou só um tiro na perna, foi amarrado na cadeira onde estava Augusta, para começar a falar sobre o que estava acontecendo, que até então para nós era só uma briga de empresas por clientela com dinheiro.

O cara também não era de falar muito. Aprendeu direitinho como defender o que não é dele, pensando que isso faz com que ele não seja descartável, que é o único no planeta disposto a pagar de herói e sair inteiro de qualquer situação. Minha tia puxou uma cadeira e sentou ao seu lado. Perguntou sobre a empresa que ele trabalhava. Como o moço não respondia, ela começou a utilizar métodos como telefone, algumas porradas, queimaduras de pontas de cigarro, afogamento e a geladeira. Conseguiu arrancar do cara apenas o nome de quem organizava a outra empresa. Ele fez hora com a cara dela. Ela não gostou. Ela tinha um silenciador. Ele podia ter evitado essa.

Augusta foi levada por um dos caras que estavam com minha tia e, após a chegada de um médico pelos fundos da empresa, começou a ser medicada. Fecharam um dos quartos do hotel para manutenção, mas, na verdade, foi desenvolvida ali uma espécie de UTI para ser utilizada quando acontecesse com mais alguém o que aconteceu com Augusta. Até hoje o quarto está intacto. Ninguém pergunta. Prezamos por funcionários discretos.

Não tinham muita esperança que ela sobrevivesse, mas está viva e solta no mundo. Como foi minha tia quem cuidou para que tudo ficasse bem, Augusta sente que deve um favor eterno a ela. E o que minha tia pediu foi para que ela estivesse sempre por perto e trabalhasse comigo, assumindo uma posição de destaque na empresa e administrasse esse tanto de gente.

E se há um motivo agradável de trabalhar aqui, é Augusta. Mesmo com todos os problemas, as ameaças iminentes, ela sempre está bem e conversa sobre alguma coisa da sua vida. Ela é muito grata à minha tia e ao meu pai por eles terem ajudado financeira e psicologicamente num momento em que ela muito precisou.

Augusta já teve outro nome, numa era não muito feliz da vida. Ela era dona de um açougue quando conheceu meu pai e minha tia.

Preciso de férias. Talvez seja isso que está me atrapalhando a decidir coisas. Meus contatos são restritos ao mais alto escalão, aos mais poderosos, e só com eles que estabeleço, através do telefone da própria empresa, os

horários das reuniões, que são feitas exclusivamente na cobertura, em minha sala. Gente chata.

Ainda não dá para morrer. A empresa demanda a divisão de um grande capital que circula diariamente, passando por muitos setores e envolvendo muita gente. Se descobrem o esquema por trás de tudo isso, muitos que não têm culpa de nada vão arcar com as consequências. Eu não, porque ainda tenho o benefício da fuga. Posso ir pra Berna.

Tenho passado mais tempo dentro do que fora do hotel. Aqui é um pouco mais seguro, já que só Augusta tem acesso ao meu andar. Há uma chave que só ela e eu temos. Às vezes, quando necessário para resolver alguma pendência, ligo para um rapaz que faz isso pra mim.

É engraçada essa coisa de ser chefe. As pessoas têm certo receio de falar, como se tivesse um vidro entre elas e eu e isso distorcesse a fala, levando sempre para um lugar negativo. Eu acho interessante observar a reação das pessoas quando trocamos olhares. Algumas abaixam a cabeça, demonstrando timidez. Outras cumprimentam balançando a cabeça uma vez só, como um consentimento. E muitas fingem não me ver. Gosto mais dessas últimas.

Mesmo não conversando com todos, fiz questão de me apresentar e cumprimentar um por um no primeiro dia de trabalho. Mas não demorei, porque não quero que descubram a quantidade de personagens que se escondem atrás da minha máscara e quantos já passaram por mim. Temos nossos próprios interesses, procuramos estabelecer conexões para satisfazer a nossa necessidade biológica inicial, o nosso desejo inconsciente. E uma das formas mais simples para criar o interesse é a fala.

Resolvi ficar por aqui mesmo, se é que vou conseguir dormir. Deixei a ordem na recepção que não atenderia ninguém após as 20h. Funcionou. Aproveitei as horas de folga e saí para comer alguma coisa e tentar encontrar algum sinal, mesmo que fosse a própria comida, para essa confusão na minha cabeça e na vida. Mas eu sei que isso nunca vou encontrar. Voltei ao hotel porque sinto que posso, falsamente, anular o mundo quando me fecho nele. Voltei olhando para os meus passos, sem me importar se tinha

alguém me vigiando ou querendo me matar. Cansei de fugir, apesar de saber que Augusta está sempre por perto e que ela sempre dá um passo antes de qualquer pessoa. Parece vidente.

Toda vez que me concentro, ouço um barulho de tiro e vem, à minha cabeça, meu corpo jogado em qualquer lugar. Essas visões já surgem na minha cabeça há algum tempo. Depois da primeira vez, não consegui mais chegar perto de janelas sem proteção de metal ou qualquer coisa que seja. Me dá ânsia. Encosto a minha cabeça no vidro e vejo o meu próprio corpo no chão, estirado.

Precisava comentar com Augusta sobre isso. Ela é a pessoa mais próxima de mim e eu sinto que tudo já está armado, o circo inteiro me esperando como atração principal, para me colocar no tablado e esperar a faca de cada um. A mira sou eu. Interfonei para o andar de baixo e pedi para que Augusta subisse. Eu queria que ela me desse a alternativa da fuga, dissesse para onde eu deveria ir, comprasse uma passagem pra mim e outra pra ela, pra Berna, com horário marcado para a manhã de amanhã.

Augusta chegou na minha sala dizendo que minha tia me esperava na casa dela. Ela precisava tratar de um assunto comigo. Algo sobre modificações que a empresa sofrerá. Contestei por ser quase onze da noite, mas Augusta disse que ela estava irredutível. Me queria lá. Mesmo eu ocupando o cargo de chefia, quem dá as ordens é ela. Disse que eu precisava ir o mais rápido possível, porque amanhã já entrarão em vigor as novas regras. Eu não queria sair daqui, mas não tem jeito. Ela quem manda. A gente obedece. Mandou eu pegar um táxi e parar a dois quarteirões antes da casa dela. Ir a pé por um beco que pouca gente sabe da existência. Teria gente me dando cobertura.

Resolvi pegar o táxi, que já estava me esperando na porta do hotel. Um táxi preto, sem marcação de cidade, sem bandeira. Um taxista que apagou e tirou a placa de cima do carro assim que eu entrei e me cumprimentou pelo nome. Era um dos seguranças da minha tia.

É muito estranho que ela me queira lá duas vezes no mesmo dia. Nós sempre nos encontramos em períodos bem distantes um do outro e de uma

forma muito rápida, sempre quinze minutos. Mas será bom voltar lá porque preciso perguntar uma coisa que até agora não desceu por minha garganta. A minha primeira ida a casa dela foi por volta das seis da tarde. Chegaria mais cedo se não tivesse errado o ônibus. Sempre vou nesse horário e minha tia sempre prepara alguma coisa para tomarmos um café e fica em silêncio até que eu atualize verbalmente todas as contas do hotel, as entradas a mais dos órgãos que investem no nosso patrimônio em troca de proteção.

Quando cheguei, ela não estava na sala e a mesa ainda não estava posta. Parece que sabia do meu atraso e resolveu testar uma nova receita do bolo de castanha e nozes que ela sabe ser o meu preferido. Como eu fiquei sozinha na sala, resolvi pegar uma revista para passar os poucos minutos. Folheando a revista, caiu de dentro dela uma foto do meu pai. Também tenho fotos dele espalhadas pelo meu escritório, mas aquela dentro da revista que não me interessa, e que peguei pra passar o tempo, está completamente diferente. A foto parece mais recente do que a lembrança que tenho do meu pai. Uma aparência mais velha e com um sorriso diferente. É uma foto de um momento qualquer da vida, ele segurando um peixe, vestido com aquelas roupas de pesca, ao lado da minha tia.

Não me recordo do meu pai pescando ou falando em pesca.

São vinte e três horas e cinquenta e um minutos. Calor e horário de verão em plena primavera. Caminho por uma ruela com luzes amareladas e fracas. Não visualizo Augusta, mas sei que ela está por aqui. Ouço disparos e rapidamente tiro o backup do coldre e me protejo atrás de um banco da praça. Ainda não vi o resultado da loteria. Pelo menos deixei o bilhete na casa da minha tia.

Este livro foi composto em setembro de 2019,
na tipografia Horley Old Style MT.

1ª edição: 2019

EQUIPE

Capa

ISABELA BIMBATTO

Revisão de conteúdo

LORRAINY FERRARI

*Produção editorial, projeto gráfico,
preparação e editoração eletrônica*

MARÍLIA CARREIRO

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida,
arquivada ou transmitida de nenhuma forma ou por nenhum meio
sem a permissão expressa e por escrito da autora ou da editora.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Obra aprovada no Edital Secult/Funcultura nº 007/2018: Seleção e incentivo à produção e
difusão de obras literárias inéditas de autores residentes no Espírito Santo.

www.editorapedregulho.com.br

APOIO:

Realizado com Recursos do
Funcultura

**GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO**
Secretaria de Estado da Cultura

